

Penitenciária Estadual de Alcaçuz: uma análise do espaço do cárcere e dos agentes que o constituem

LAÍS LUZ DE MENEZES*¹

A temática do crime, da prisão, da política e da justiça criminal vem ganhando a cada dia mais espaço nas discussões acadêmicas. É possível observar esse fenômeno principalmente a partir do século XX, quando os historiadores passaram a se debruçar sobre novas fontes de trabalho, estando incluídas nessa nova perspectiva as fontes criminais e policiais. Com isso, pode-se observar uma consolidação desse campo de trabalho, o que tem levado muitos pesquisadores a se interessarem por essa área.

Nesse sentido, o trabalho que aqui se apresenta é fruto desse anseio pelo desenvolvimento de pesquisas que utilizem essas novas fontes, estando também ligado à proximidade que tenho com o objeto da pesquisa, já que desempenho a função de agente carcerária, desde 2010, na Penitenciária Estadual de Alcaçuz (PEA) localizada no município de Nísia Floresta, a maior do estado do Rio Grande Norte, que abriga uma média de 800 homens em cumprimento de pena privativa de liberdade, em regime fechado.

Em razão da minha proximidade com o espaço do cárcere, desenvolvi certa curiosidade e senti necessidade de estudar e compreender a instituição prisional, assim como os agentes que a integram, suas práticas, interesses, discursos, conflitos e semelhanças. O trabalho de pesquisa se encontra em fase inicial, sendo aqui apresentado o projeto para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao se tratar da temática da punição e prisão, deve-se destacar o trabalho de Michel Foucault no livro “Vigiar e Punir”. Foucault (1987) apresenta um trabalho a respeito das instituições judiciais e penitenciárias antigas e modernas e trata a pena como um meio de coerção e suplício, de disciplina e aprisionamento do homem, portanto, uma forma de controle social. Assim, é possível compreender a prisão como uma instituição disciplinar.

Com o transcorrer dos séculos, Foucault (1987) nos ensina que houve uma mudança na maneira de punir. As penas que antes traziam um sofrimento excessivo ao corpo do prisioneiro (fim do século XVII e início do século XVIII), tornaram-se mais brandas (séculos XVIII e XIX), passando a atingir não apenas o corpo do condenado, mas a sua alma. Isso

Graduada em História – Licenciatura – pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atualmente cursando História – Bacharelado – na mesma instituição.

pode ser observado a partir do momento que o indivíduo é aprisionado numa instituição carcerária, tendo obrigatoriamente que se submeter à ordem e disciplina que lhe são impostas e conseqüentemente às relações de poder que ali estão estabelecidas.

Assim, o trabalho que pretendo desenvolver apresenta como temática “uma análise do espaço do cárcere e dos agentes que o constituem na Penitenciária Estadual de Alcaçuz”, buscando apresentar a maneira de funcionamento dessa instituição e, a partir daí, analisar as relações sociais que ali são estabelecidas. Ao tratar dos agentes que constituem o espaço prisional, deve-se entender como tal os presos, agentes penitenciários, familiares, advogados e funcionários do alto escalão, como a direção da penitenciária.

Partindo dessa temática, buscarei resolver os seguintes questionamentos: O que o espaço do cárcere vem produzindo nos agentes que o constituem? Quais as relações sociais estabelecidas no espaço prisional? Qual a importância do espaço carcerário na construção das relações sociais que ali se estabelecem? Como os agentes ocupam e se apropriam do espaço carcerário?

Deste modo, a pesquisa mostra-se viável, tendo em vista a existência de uma vasta bibliografia sobre o tema, que será primordial para o embasamento teórico da pesquisa; levando-se em consideração a ampliação dos estudos sobre a temática do mundo do crime e do cárcere, com a publicação de vários livros, dissertações e teses sobre o assunto, não somente na área de história, mas também em outras áreas, como a antropologia, a psicologia, as ciências sociais e o direito. Sendo assim, o trabalho também dialogará com outras áreas do conhecimento. Além disso, a minha proximidade com o objeto a ser pesquisado, torna mais fácil o desenvolvimento do trabalho, visto que as fontes a serem utilizadas estão ao meu alcance imediato.

As fontes a serem utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa são entrevistas com os agentes que compõem o espaço prisional, além de fontes criminais e processuais, como por exemplo: inquéritos policiais e processos criminais, os quais permitirão o conhecimento de informações a respeito dos sujeitos que se encontram encarcerados e das transgressões cometidas.

Também serão utilizadas como fonte documentos da própria instituição penitenciária que também trazem informações sobre os detentos, por exemplo, acerca de suas

características físicas, comportamentais, assim como apresenta suas condutas na instituição. Portanto, observa-se a existência de variadas fontes, que são de primordial importância para o estudo e irão permitir o desenvolvimento da pesquisa.

Em meio a esse contexto de surgimento e desenvolvimento de trabalhos ligados à temática criminal, mais uma vez se justifica a pesquisa que pretendo realizar. Muito embora estejam sendo desenvolvidas diversas pesquisas nessa área, no Rio Grande do Norte ainda é muito reduzida essa área de pesquisa, sendo oportuno salientar que não existem trabalhos acerca do espaço da Penitenciária Estadual de Alcaçuz, que é a principal do Estado.

Então, a pesquisa mostra-se relevante, pois irá permitir que um grande número de pessoas tenha acesso à história social dessa instituição, do seu modo de funcionamento e das relações que lá se estabelecem. Assim sendo, trata-se de uma pesquisa inovadora, constituindo-se assim, numa grande contribuição para a historiografia.

A pesquisa apresenta como objetivo principal: Apresentar as relações sociais que são estabelecidas na Penitenciária Estadual de Alcaçuz a partir de uma análise do espaço do cárcere. E como objetivos específicos: Descrever o modo de funcionamento da Penitenciária Estadual de Alcaçuz; Analisar os aspectos cotidianos, sociais e culturais da Penitenciária Estadual de Alcaçuz; Analisar a influência do espaço nas relações de poder construídas na Penitenciária Estadual de Alcaçuz.

O trabalho se insere no campo da História Social, que tem por um de seus objetos o estudo das relações sociais, podendo também se ligar a pesquisa aos campos da História Antropológica e História Cultural. Isso porque abordará aspectos cotidianos, sociais e culturais do espaço do espaço do cárcere e de seus agentes, sendo oportuno também destacar que essa pesquisa por abordar a temática dos “encarcerados”, trabalha, assim, a questão das minorias e dos marginalizados, que é um dos interesses da História Antropológica.

A metodologia utilizada na pesquisa será a História Oral, mais especificamente do tipo história de vida. A história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. A história oral é um recurso moderno utilizado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social de pessoas.

Essa metodologia foi escolhida porque de acordo com a temática que será desenvolvida é de suma importância realizar um trabalho de entrevista. A temática da pesquisa é uma análise do espaço do cárcere e dos agentes que o constituem na Penitenciária Estadual de Alcaçuz, dando ênfase às relações cotidianas, sociais e culturais lá constituídas.

Assim, como haverá uma investigação dos agentes que ocupam e se apropriam desse espaço prisional, faz-se extremamente necessário ouvi-los e, posteriormente, analisar os seus discursos para, então, atingir os objetivos propostos pela pesquisa.

Também será utilizada a metodologia da história serial, que corresponde à abordagem das fontes com algum nível de homogeneidade, a fim de que possam se abrir possibilidades de quantificar ou serializar as informações com o objetivo de identificar regularidades.

Portanto, ao analisar as fontes da pesquisa, tais quais, processos criminais, inquéritos policiais e prontuários dos internos que cumprem pena na Penitenciária Estadual de Alcaçuz, se buscará encontrar semelhanças entre elas para que seja possível estabelecer um perfil do indivíduo que se encontra preso nessa instituição penitenciária.

Conforme já afirmado, há uma vasta bibliografia a respeito da temática, merecendo destaque as seguintes obras que serão utilizadas na pesquisa: *Vigiar e Punir*, de Michel Foucault; *Manicômios, prisões e conventos* de Erving Goffman; e *A questão penitenciária*, de Augusto Thompson.

A obra de Michel Foucault, *Vigiar e Punir* é um clássico que trabalha a temática do crime e da punição, nos apresentando um histórico a respeito das formas de punição, que, foram evoluindo, passando a atingir não apenas o corpo do condenado, mas também a sua alma.

Com relação à punição que afeta a alma do transgressor, é possível identificá-la nas instituições carcerárias, nas quais os infratores têm obrigatoriamente que se submeter à ordem e disciplina que lhe são impostas e conseqüentemente às relações de poder que ali estão estabelecidas.

Nesse sentido, Foucault (1987) afirma que as práticas disciplinares do ambiente prisional tornam o homem domesticável/domável. Ou seja, enquanto estiver naquele ambiente será obrigado a se submeter às regras ali impostas, nem que para isso tenha de ser submetido a algum sofrimento físico. As práticas disciplinares são, portanto, armas de poder, alcançando

não somente o condenado, mas toda a sociedade, já que são capazes de criar o sentimento de medo da punição.

No que diz respeito ao poder ligado à questão da disciplina no ambiente prisional, observa-se que há uma aproximação entre *Vigiar e Punir*, de Foucault e a obra *A questão penitenciária*, de Thompson, pois ambas abordam essa ligação.

Em *A questão penitenciária*, o autor defende que “a cadeia não é uma miniatura da sociedade livre, mas um sistema peculiar, cuja característica principal, o poder, autoriza a qualificá-lo como um sistema de poder” (THOMPSON, 1998:19). Afirma ainda que:

a característica mais marcante da penitenciária, olhada como um sistema social, é que ela representa uma tentativa para a criação e manutenção de um grupamento humano submetido a um regime de controle total, ou quase total. As regulações minuciosas, estendendo-se a toda área da vida individual, a vigilância constante, a concentração de poder nas mãos de uns poucos, o abismo entre os que mandam e os que obedecem, a impossibilidade de simbiose de posições entre os membros das duas classes – tudo concorre para identificar o regime prisional como um regime total (THOMPSON, 1998:22).

Assim, observa-se que Thompson também dá ênfase à questão do poder em sua abordagem sobre o espaço da prisão, dando destaque à concentração do poder, que fica nas mãos de poucos, enquanto a massa desprovida de tal poder, deve se submeter a ele.

Também é um clássico o livro *Manicômio, prisões e conventos* de Erving Goffman, no qual o autor trabalha o conceito de “instituição total”, definindo-a como:

um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada. As prisões servem como exemplo claro disso, desde que consideremos que o aspecto característico de prisões pode ser encontrado em instituições cujos participantes não se comportaram de forma ilegal (GOFFMAN, 1961:11)

Conforme observado, a obra de Goffman não aborda apenas o ambiente prisional como “instituição total”, mas também outros ambientes que possuem características espaciais

semelhantes, tais como escolas e hospitais. Assim, destaca como características dessas instituições:

em primeiro lugar, todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade. Em segundo lugar, cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e abrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto. Em terceiro lugar, todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva, em tempo predeterminado, à seguinte, e toda a seqüência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários. Finalmente, as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos oficiais da instituição. (GOFFMAN, 1961:17-18)

A partir do referencial teórico utilizado, a pesquisa instrumentalizará os seguintes conceitos: poder, espaço prisional, cadeia/penitenciária/prisão.

No que diz respeito a este último, a definição a ser empregada na pesquisa é a de prisão enquanto um espaço disciplinar, seguindo o entendimento de Foucault. Sendo oportuno ainda entender a cadeia como uma instituição total, conforme o pensamento de Goffman e também como um sistema social em operação, enxergada nessa perspectiva: “ela representa uma tentativa para a criação e manutenção de um grupamento humano submetido a um regime de controle total, ou quase total” (THOMPSON, 1998:22).

Observa-se, portanto, que há uma aproximação entre a obra de Thompson e a de Goffman, pois ambos fazem referência a um regime de controle total ao abordar a questão o conceito de cadeia:

o controle de muitas necessidades humanas pela organização burocrática de grupos completos de pessoas – seja ou não uma necessidade ou meio eficiente de organização social nas circunstâncias - é o fato básico das instituições totais, Disso decorrem algumas conseqüências importantes. Quando as pessoas se movimentam em conjuntos, podem ser supervisionadas por um pessoal, cuja atividade principal não é orientação ou inspeção periódica (...), mas vigilância - fazer com que todos façam o que foi claramente indicado como exigido, sob condições em que a infração

de uma pessoa tende a salientar-se diante da obediência visível e constantemente examinada dos outros (GOFFMAN, 1961:18).

Com relação ao conceito de espaço prisional, a pesquisa o entenderá enquanto espaço panóptico, que é apresentado por Foucault na obra *Vigiar e Punir*:

esse espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho ininterrupto de escrita liga o centro e a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado, examinado e distribuído entre os vivos, os doentes e os mortos — isso tudo constitui um modelo compacto do dispositivo disciplinar (FOUCAULT, 1987: 221).

No que se refere ao dispositivo panóptico, Foucault afirma que este é organizado em “unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente” (FOUCAULT, 1987:224). Diante disso, afirma que o efeito mais importante do panóptico é:

induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício (FOUCAULT, 1987:225).

Foucault estabelece uma relação entre o espaço panóptico e o poder, afirmando que:

o panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens; um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça (FOUCAULT, 1987:228).

Ainda nessa relação, segundo Foucault, o dispositivo panóptico é “um local de troca entre um mecanismo de poder e uma função; é uma maneira de fazer funcionar relações de poder numa função, e uma função para essas relações de poder” (FOUCAULT, 1987: 230).

Nesse sentido, a pesquisa instrumentalizará o conceito de poder de Michel Foucault. Para ele, o poder não é algo que se possa possuir, mas algo que se exerce ou se pratica nas relações. Foucault estabelece ainda uma relação entre poder e disciplina entendendo poder como um mecanismo social que se volta para a disciplina do indivíduo. Assim, tal conceito se amolda ao trabalho, já que serão pesquisadas as relações cotidianas, sociais e culturais no espaço do cárcere, incluídas aí as relações de poder.

REFERÊNCIAS

BARROS, José de Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História**: da escolha do tema ao quadro teórico. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

BECCARIA, Cesare Bonesana. **Dos delitos e das penas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999

BITENCOURT, Cezar Roberto. **A Falência da Pena de Prisão**: causas e alternativas. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1993.

CARVALHO FILHO, Luiz Francisco. **A prisão**. São Paulo: Publifolha, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

GODOI, Rafael. **Ao redor e através da prisão**: cartografias do dispositivo carcerário contemporâneo. São Paulo, 2010. (Dissertação).

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1961.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

MORAES, Evaristo de. **Prisões e Instituições Penitenciárias no Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Conselheiro Cândido de Oliveira, 1923.

OLIVEIRA, Hilderline Câmara de. **Códigos de sustentação da linguagem no cotidiano prisional do Rio Grande do Norte**: Penitenciária Estadual de Parnamirim. Natal, 2010. (Tese).

OLIVEIRA, Odete Maria de. **Prisão**: Um Paradoxo Social. Florianópolis: Editora da UFSC, 1996.

THOMPSON, Augusto. **A questão penitenciária**. Rio de Janeiro: Forense, 1998.

ZAFFARONI, Eugenio Raúl. **Em busca das penas perdidas**: a perda de legitimidade do sistema penal. Rio de Janeiro: Revan, 2010.